



VARIA



A CONSTRUÇÃO DA MULHER NEGRA COMO SUJEITO HISTÓRICO NA POÉTICA DE NOÉMIA DE SOUSA

*The Construction of the Black
Woman as a Historical Subject
in the Poetics of Noémia de Sousa*

Antônio Marques Pereira Filho¹

RESUMO: Este artigo analisa a construção da identidade feminina na poética negra de Noémia de Sousa, cuja produção literária se inscreve na resistência político-cultural moçambicana do período colonial. A pesquisa, de natureza bibliográfica e interpretativa, analisa dois poemas da autora: “Canção fraterna”, publicado 1948, e “Poema”, publicado originalmente em 2001, na obra *Sangue Negro* (2016) e do mapeamento dos poemas que evidenciam uma voz feminina insurgente, marcada pela denúncia social e pela afirmação identitária. Dialogamos com aportes teóricos de Stuart Hall (2014), Alfredo Bosi (1977), Octavio Paz (1982) e Momplé (1999), entre outros, para compreender como a poeta elabora uma subjetividade feminina atravessada por raça, ancestralidade e luta anticolonial. Os resultados apontam que Noémia de Sousa constrói uma poética de combate que reconfigura o lugar da mulher negra na literatura moçambicana, instaurando uma voz que reivindica autonomia, consciência histórica e agência política. Concluimos que sua obra constitui um marco na afirmação da identidade feminina africana,

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMS/Câmpus de Três Lagoas, Bolsista da CAPES, Mestre em História e Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

contribuindo para a consolidação de uma tradição literária de resistência e de rememoração coletiva.


Palavras-chave: identidade feminina; poética negra;
Noémia de Sousa.

Abstract: This article analyzes the construction of female identity in the black poetry of Noémia de Sousa, whose literary production is part of Mozambique's political and cultural resistance during the colonial period. The research, which is bibliographic and interpretative in nature, analyzes two poems by the author: "Canção fraterna" (Fraternal Song), published in 1948, and "Poema" (Poem), originally published in 2001, in the work *Sangue Negro* (Black Blood) (2016), and maps the poems that highlight an insurgent female voice, marked by social denunciation and identity affirmation. We draw on theoretical contributions from Stuart Hall (2014), Alfredo Bosi (1977), Octavio Paz (1982), and Momplé (1999), among others, to understand how the poet elaborates a feminine subjectivity traversed by race, ancestry, and anti-colonial struggle. The results indicate that Noémia de Sousa constructs a combative poetics that reconfigures the place of black women in Mozambican literature, establishing a voice that demands autonomy, historical consciousness, and political agency. We conclude that her work constitutes a milestone in the affirmation of African female identity, contributing to the consolidation of a literary tradition of resistance and collective remembrance.

Keywords: feminine identity; black poetics;
Noémia de Sousa.

INTRODUÇÃO

A poesia de Noémia de Sousa é constituída por elementos que dão margem às memórias da escravidão do povo negro e das mazelas sociais que assolaram Moçambique. A poeta canta e grita seu verbo impetuoso, de



bravura e ousadia, pois sua poética é marcada pela luta de valorização da sua nação, da sua cultura e da sua consciência social e política. Noémia deixou registros plausíveis na construção da identidade moçambicana. Sua poesia está pautada na consciência dos problemas abissais do continente africano e na exaltação de sua Mãe-África. Assim, como afirma o estudioso Craveirinha (2000, p. 100), podemos sentir o hálito ardente da fogueira quando lemos os versos de Noémia, portanto, lê-la é ler Moçambique. Logo, sua escrita insere-se numa conjuntura da produção literária do século XX, mais precisamente em 1950.

A década de 50 foi marcada por uma inserção de escritores africanos, que passaram a construir suas identidades com um forte teor de liberdade, principalmente, no que diz respeito ao campo literário, uma vez que construíam um discurso de afirmação de raça, etnia, gênero e do seu papel na luta contra o sistema vigente anticolonial. Nesse cenário, encontra-se a voz feminina de Noémia de Sousa, mulher negra moçambicana que tem conquistado o seu espaço na literatura. Sua poética apresenta uma voz libertadora das lutas negras pelos direitos civis.

Carolina Noémia Abranches de Sousa nasceu em uma casa à beira do Oceano Índico, em 20 de setembro de 1926, na praia da Catembe e, infelizmente, faleceu no ano de 2002. Nasceu filha de um funcionário público, afro-moçambicano e de uma filha de um caçador e negociante alemão. Noémia aprendeu a ler muito cedo, aos 4 anos de idade, ensinada pelo pai. Após a morte dele, toda a família viu-se em uma situação de dificuldades financeiras e, por isso, aos 16 anos, ela começou a trabalhar para ajudar nas despesas de casa. Em meio às dificuldades, via-se obrigada a estudar também, então, frequentava a Escola Técnica no período noturno.

É autora da obra *Sangue Negro*, publicada em 2001, marcada por uma linguagem política, nacionalista, cujos poemas são compostos em versos livres. Neles, prevalece a construção identitária de uma voz feminina negra que dá ênfase à cultura de seu país, ao mesmo tempo em que mostra todos os problemas sociais, políticos e econômicos de Moçambique. Vejamos uma fotografia da poeta Noémia de Sousa:

Figura 1: Noémia de Souza



Fonte: <http://estudioslusofonos.blogspot.com.br/2011/12/noemia-de-souza.html>.

Acesso em: 9 dez. 2025.

Frente à trajetória de Noémia de Souza, nosso artigo tem como objetivo compreender como se estrutura a identidade feminina em sua poética, tomando dois poemas como *corpus* de análise: “Canção fraterna”, seu primeiro poema publicado, em 1984, e “Bates-me e ameaças-me”, presente na obra *Sangue Negro*, que articula os poemas selecionados a um referencial teórico que discute identidade, literatura de resistência e consciência histórica. Assim, pretende-se evidenciar os mecanismos poéticos que constroem uma subjetividade feminina insurgente, capaz de reconfigurar os paradigmas literários do período colonial.

Os poemas selecionados para análise evidenciam discursos identitários, resistência feminina e crítica sociopolítica. Propõe-se, aqui, uma análise interpretativa dos textos, com foco em procedimentos linguísticos, imagens poéticas, elementos simbólicos e marcas discursivas da subjetividade feminina; articulação entre os dados observados e o referencial teórico mobilizado. O estudo apoia-se em uma abordagem qualitativa

e interpretativista vinculada aos estudos literários de vertente crítica, considerando os aportes do pós-colonialismo, da crítica feminista e das teorias identitárias.

A POESIA DE NOÉMIA DE SOUSA E SEU CANTO DE LIBERDADE

A poesia é o ponto de intersecção entre o poder divino e a liberdade humana

— Octavio Paz

Ao fazermos um estudo historiográfico da poética de Noémia de Sousa, percebemos que os primeiros registros de sua escrita foram em 1948, com a publicação de um poema, intitulado “Canção Fraterna”, no jornal Mocidade Portuguesa. Todavia, ela assina a publicação do poema com as iniciais N.S.

Segundo Octavio Paz (1982), a poesia é um elo entre o poder divino e a liberdade humana e “o poeta é o doador de sentido” (Bosi, 1977, p. 141). Sendo assim, Noémia canta em sua poesia o ser divino, suas crenças, suas raízes ancestrais, sua identidade e sua liberdade de expressar-se diante de muitas tentativas de silenciamento da voz feminina, numa sociedade machista, patriarcal e colonizadora.

A escritora Noémia foi transgressora em tecer críticas ao sistema político da época, uma vez que era proibido uma mulher “se meter” nos negócios dos homens e nas decisões políticas do país. Enfrentou dois preconceitos, um por ser contra aos ideais do homem branco (europeu), e outro por ser mulher e negra. O ano de 1948, em especial, foi o ápice de sua revolução, pois sua escrita provocou um alvoroço e repercussão entre os críticos literários e a sociedade de Moçambique. “Canção fraterna” apresenta um teor de denúncias sociais da escravidão e um forte teor de tristeza pelos negros escravizados, evocados, no poema, como irmão

negro. Além disso, é importante frisar que se vivia nesse contexto uma efervescente repressão política. Vejamos:

Canção fraterna

Irmão negro de voz quente
o olhar magoado,
diz-me:
Que séculos de escravidão
geraram tua voz dolente?
Quem pôs o mistério e a dor
em cada palavra tua?
E a humilde resignação
na tua triste canção?

Foi ávida? o desespero? o medo?
Diz-me aqui, em segredo,
irmão negro.

Porque a tua canção é sofrimento
e a tua voz sentimento
e magia.
Há nela a nostalgia
da liberdade perdida,
a morte das emoções proibidas,
e a saudade de tudo que foi teu
e já não é.

Diz-me, irmão negro,
Quem fez a vida assim...
Foi a vida? o desespero? o medo?

Mas mesmo encadeado, irmão,
que estranho feitiço o teu!
A tua voz dolente chorou
de dor e saudade,
gritou de escravidão e veio murmurar à
[minha em alma ferida
que a tua triste canção dorida
não é só tua, irmão de voz de veludo
e olhos de luar.
Veio, de manso murmurar
que a tua canção é minha
(Souza, 2016, p. 63-64).

Vemos, no poema, um clamor do eu lírico por justiça, por ter visto o sofrimento do irmão ao apinhar no tronco de pau, aos chicotes e gritos. A construção do título do poema, “Canção Fraterna”, antecipa ao leitor a pretensão do eu lírico, que faz um resgate de memória sobre a escravidão do negro, e se compadecer da dor do outro que é seu irmão. O eu lírico tem empatia pela dor do irmão, pois “tua triste canção dorida / não é só tua”, mas também de toda a raça negra. Os versos apresentam denúncias à escravidão, à dor do irmão negro que por muito tempo foi escravizado e humilhado.

O poema está constituído por camadas que dialogam entre si e cuja temática principal é a interpelação do eu lírico para com a estrutura coletiva sobre a perspectiva e situação da escravidão. Já na primeira estrofe, o eu lírico traz à tona a questão da submissão do negro ao sistema escravocrata, quando interroga: “Que séculos de escravidão / geraram tua voz dolente? / Quem pôs o mistério e a dor / em cada palavra tua?”. Nesses versos, percebemos a tentativa do eu lírico em esboçar para o leitor o longo período de escravidão e sua profunda tristeza com tal período histórico, o qual deixou graves sequelas à nação negra e à história.

Na penúltima estrofe, o eu lírico interroga o irmão negro sobre sua condição social: “Diz-me, irmão negro, / Quem fez a vida assim... / Foi a vida? o desespero? o medo?”. Nesse ínterim, põe em evidência a condição do negro no período colonial imposta a Moçambique. Do mesmo modo, propõe um discurso poético que dá margem às múltiplas facetas literárias, dando possibilidades para interpretarmos as dores, os medos e perdas do negro, diante do cenário político-cultural ao qual se encontram.

Ao cantar a dor do outro irmão, o eu lírico canta também a sua dor “a tua canção é minha”, um clamor de libertação das nações africanas que um dia estiveram sob a égide do cruel império português. Essa expressão poética de Noémia ao falar da escravidão faz ponte com um profícuo diálogo com outras nações negras. Assim, Noémia se destaca como uma escritora sublime para a literatura moçambicana, ao tratar de conflitos históricos de seu contexto, de forma singular e artística. Concomitantemente, Noémia toca em pontos cruciais sobre a temática transcendental, como a luta de classes, a luta pela liberdade, seja de expressão ou de vida, e constrói um paralelo da busca pela própria identidade cultural.

Ao falarmos dessa identidade que Noémia tece em sua poesia, o crítico e estudioso Momplé (1999, p. 31) diz que a mulher moçambicana é a principal transmissora de valores culturais, tradições e ritos, sejam em aspectos sociais e/ou históricos. Para tanto, a autora é difusora de uma identidade marcada pela voz ativa da mulher negra que vai à luta, sem medo do homem branco, e defende seus irmãos negros os quais não tiveram voz por um longo período da história.

Por intermédio disso, vejamos um de seus poemas, pertencente à coletânea de poesia da obra *Sangue negro* (2016), que traz reverência à origem de seu povo e, sobretudo, da sua cultura:

Poema

Bates-me e ameças-me,
agora que levantei minha cabeça esclarecida

e gritei: “Basta!”

Armas-me grades e queres crucificar-me
agora que rasguei a venda cor-de-rosa
e gritei: “Basta!”

Condenas-me à escuridão eterna
agora que minha alma de África se iluminou
e descobriu o ludíbrio...
E gritei, mil vezes gritei: “Basta!”

Ó carrasco de olhos tortos,
de dentes afiados de antropófago
e brutas mãos de orango:
Vem com o teu cassetete e tuas ameaças,
fecha-me em tuas grades e crucifixa-me,
traz teus instrumentos de tortura
e amputa-me os membros, um a um...
Esvazia-me os olhos e condena-me
[à escuridão eterna...
- que eu, mais do que nunca,
dos limos da alma,
me erguerei lúcida, bramindo contra tudo:
Basta! Basta! Basta!
(Souza, 2016, p. 122).

Ao analisarmos o poema, percebemos que o eu lírico é feminino pelo uso da expressão “lúcida” (substantivo feminino). A estrutura dos versos nos possibilita criar visões diferentes em relação ao feminismo, à voz poética, à condição social e política de Moçambique e, principalmente, ao despertar de toda a nação. A escrita de Noémia suscita um desejo de liberdade ideológica, uma vez que há um grito de liberdade por meio de

uma linguagem carregada de traços da oralidade, possibilitando, assim, um maior número de leitores.

No poema, vemos uma conjuntura de expressões subjetivas e de sentimentos individuais, como na repetição do vocativo “basta”, seguido do ponto de exclamação, para simbolizar a ira e decisão do eu lírico perante àquele contexto. Noémia expressa em sua poesia a preocupação com a nação, e as metáforas construídas no poema dão um significado para a construção da identidade feminina, como o grito que é constante no poema. O eu lírico tem uma consciência crítica sobre o cenário da escravidão que seus antepassados e familiares viveram, clama por liberdade, pois não tem medo, não há mais do que se lamentar pelos tempos obscuros, há uma força na garganta ao gritar pela liberdade, “basta!”. Basta à submissão nos diversos eixos sociais, pois “me erguerei lúcida, bramindo contra tudo: / Basta! Basta! Basta!”.

Ao dizer um “basta” para todo o sistema colonial, Noémia de Sousa canta sua poesia com singularidade, brandura e precisão. Sua poesia é denúncia e política, consciência e sabedoria e carrega em seus versos a força das lutas de classe, de raça e de gênero.

Nesse panorama literário, Noémia constrói uma identidade feminina única, por meio de sua poesia. Para o estudioso Stuart Hall (2014, p. 12), a identidade possui um caráter de mutação, pois a sociedade perpassa por constantes mudanças “rápidas e permanentes”, ou seja, tais mudanças da identidade “são atravessadas por divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes identidades”.

No contexto colonial moçambicano, a escrita feminina era alvo de vigilância e deslegitimação. A atuação de Noémia como poeta e intelectual contrária à ordem colonial e patriarcal, assumindo uma postura que Momplé (1999) identifica como profundamente transgressora na tradição literária africana. A mulher africana, segundo a autora, é depositária e transmissora de valores culturais, e Noémia transforma essa função social em estratégia estética: falar pelo coletivo, mobilizar a memória e reivindicar justiça. Portanto, Noémia de Sousa é luz para a literatura de autoria feminina

na poética negra da contemporaneidade, pois consagrou-se escritora da poesia de combate, da liberdade política e social de Moçambique.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do panorama histórico e social apresentado neste artigo, percebemos que é fundamental propor discussões e debates sobre tal temática. A identidade feminina na poética negra de Noémia de Sousa é um campo profícuo de debates e análises críticas, tendo em vista que Noémia redesenha a conjuntura de sua cultura e grita sua liberdade de expressão.

A escrita de Noémia de Sousa reafirma a mulher negra como guardiã da memória e sujeito ativo da história moçambicana. Ao evocar a ancestralidade africana e denunciar a violência do colonialismo, sua poesia articula passado e presente, compondo o que Bosi (1977) denomina “percepção animista”, um modo de apreender o mundo que funde sensibilidade, espiritualidade e ação política.

Enquanto uma mulher negra que tem origens africanas, moçambicana, a qual traça em sua poética dilemas de travamento contra o sistema colonial, sua arte transgride o seu tempo e espaço, e ocupa lugar nas diversas vozes femininas de sua contemporaneidade. Como afirma Bosi (1977, p. 157): “a arte resiste porque a percepção animista ainda é, ao menos para a infância e, em outro nível, para o poeta, uma fonte de conhecimento.

A partir de um eu lírico que se reconhece como sujeito da história, Noémia redesenha a representação da mulher negra na literatura, oferecendo contribuições significativas para a compreensão das identidades pós-coloniais e para o fortalecimento das vozes femininas no continente africano. Que este estudo possa fomentar novas investigações e ampliar a visibilidade da obra da poeta, referência incontornável da poética negra e da literatura de resistência.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. Poesia e resistência. In: BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Editora Cutrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1977. p. 139-192.
- CRAVEIRINHA, José. Noémia de Sousa. In: LARANJEIRA, Pires. *Negritude Africana de Língua Portuguesa*. Textos de Apoio (1947-1963). Coimbra: Ângelus Vovus, 2000.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- MOMPLÈ, Lília. In: *A mulher escritora em África e na América Latina*. (org. Ana Maria Mão de ferro). Évora: Editorial Num, 1999.
- MOMPLÈ, Lília. In: MÃO DE FERRO, Ana Maria (Org.). *A mulher escritora em África e na América Latina*. Évora: Editorial Num, 1999.
- SOUSA, Noémia de. Sangue negro. In: MENDONÇA, Fátima; NOA, Francisco; SAÚTE, Nelson (Orgs.). Moçambique: Associação dos Escritores Moçambicanos, 2001.
- SOUSA, Noémia de. *Sangue negro*. São Paulo : Editora Kapulana, 2016.